



### **“É PRECISO VIGIAR DESDE O BERÇO”: O DISCURSO DA CIÊNCIA SOBRE A INFÂNCIA D’OS ANORMAIS.**

Ms. Elton André Silva de Castro\*

#### RESUMO:

Esta comunicação reflete sobre o lugar do corpo, da sexualidade e da constituição do sujeito na infância, tomando por base a obra “Os anormais” de Foucault. O autor apresenta-nos fragmentos do discurso da ciência dos séculos XVII e XVIII que tratam de uma dinâmica sexo-carnal instaurada no corpo da criança, enquanto gênese patológica que a conduzirá à culpa e ao sofrimento pelo acesso e manipulação do próprio corpo. O corpo da criança passa a ser objeto de atenção e controle dos adultos. Aparentemente, a instituição do olhar vigilante do adulto para o corpo da criança esvaziou-a de uma subjetividade: não haveria sujeito desejante na infância, mas corpo em convulsão, em prazer, rumando ao definhamento pela morte que deforma, esvaindo-se pela prática da masturbação. A proximidade dos adultos com as crianças permite-nos observar a constituição de outra perspectiva sobre o corpo daqueles que vivenciam a infância. Onde não haveria apenas uma criança-corpo, agora haveria um sujeito-corpo; sujeito que é observado e interrogado pelo adulto, sujeito que fala de suas intenções e descreve comportamentos em funcionamento. Autores como Foucault, Ariès e Freud nos permitem compreender que o corpo da criança é pleno de sensações e sentidos, passíveis de serem objetos de narrativas. Assistimos a constituição de um corpo que se reveste de subjetividade, emergindo um sujeito que diz do próprio corpo e posiciona-se frente ao olhar e à palavra do adulto. Desse encontro eminentemente intersubjetivo, ancorado nas relações entre adultos e crianças, vê-se surgir um discurso que instaura uma série de práticas cuidadoras, onde se depreende a configuração de uma relação familiar que reproduz a relação médico-doente. À tensão da relação técnico-científica, sustentada pelo diagnóstico do corpo, se coaduna a uma ordem sexualizante da infância e de quem deve olhar, censurar e apoiar a criança no controle de suas pulsões desejantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo, criança, masturbação, objeto, sujeito.

#### ABSTRACT:

This communication reflects on the place of the body, sexuality and constitution of the subject in childhood, building on the work "The Abnormals" of Foucault. The author presents us some fragments of science discourse of 17th and 18th centuries that address a dynamics sex-carnal instituted on body child, while genesis pathological that will lead to guilt and suffering

---

\* IFAL – Campus Marechal Deodoro, castroelton@yahoo.com.br.



by access and manipulation of own body. The child's body becomes the object of attention and control of adults. Apparently, the imposition of vigilant adult view to the child's body emptied from subjectivity: there's no exists desirous subject in childhood, but body in convulsion, in pleasure, and went to wasting the death that deforms, away from practice masturbation. The proximity of adults with children allows us to observe the formation of another perspective on the body of those who childhood experience. Where there would be only a child-body, now would be a subject-body; subject that is observed and interrogated by the adult, subject that speaks of his intentions and describes behaviors in operation. Authors such as Foucault, Ariès and Freud allow us to understand that the body of the child is full of sensations and directions which may be the objects of narratives. We have seen the constitution of a body of subjectivity, emerging a subject that says the own body and stands opposite the look and the word of the adult. This meeting eminently intersubjective, anchored in relations between adults and children, to see if a speech that introduces a series of care practices, where it follows the configuration of a family relationship that reproduces the doctor-patient relationship. The tension of the technical-scientific relationship, sustained by the diagnosis of the body, keeping an sexual order to childhood and who should look, censoring and support child control their desirous impulses.

KEY WORDS: body, child, masturbation, object, subject.

### **O corpo da criança, o olhar do adulto.**

“Muitas vezes, desde a mais tenra idade, por volta de quatro ou cinco anos, às vezes antes, as crianças entregues a uma vida sedentária são levadas pelo acaso, ou atraídas por alguma comichão, a levar a mão às partes sexuais, e a excitação que resulta de uma leve fricção chama o sangue para esse ponto, causa uma comoção nervosa e uma mudança momentânea na forma do órgão, o que excita a curiosidade”.

Dr. Simon  
Tratado de higiene aplicado à juventude, 1827.

Foucault, 2001, p. 308.

Então é assim, numa narrativa detalhista, expõe-se a origem de um desejo que se revelará no mundo adulto; o Dr. Simon nos faz ver uma criança que manipula o próprio corpo, corpo aparentemente sem sujeito, mas com movimento, que gira em torno das “partes



*sexuais*”, que altera sua forma e provoca a curiosidade. De quem? Da criança que manipula o próprio corpo ou do adulto que assiste à cena em epígrafe?

É curiosa a mão guiada por uma comichão, movimento que se combina à sensação corpórea que se avoluma com sangue e muda a forma das partes sexuais. A criança experimenta uma “*emoção nervosa*”, vemos que está lançada às sensações pelo acaso. Foucault destaca que o psiquismo se presentifica, “*à título de curiosidade*” (2001, p. 308). Cabe-nos perguntar de quem é a curiosidade? Pensemos que pode ser de cada um dos sujeitos, daquele que, nervosamente, dedica-se a manipulação do próprio corpo e daquele que quer enxergar na criança o nascimento de um prazer provocado pelo acaso. A criança se posiciona a mercê do olhar do adulto, de sua intervenção e seu olhar compreensivo. Gradativamente, os Tratados vão ficcionar uma doença, um padecimento decorrente da masturbação. Patologia total provocadora até da loucura, tendo a morte como seu termo mais sublime.

A causa da masturbação viria pela ação de um adulto, o masturbador, que imputaria sobre a criança a culpa pela prática criminosa e moralmente ofensiva à vida da infância. A desconfiança se derrama, especialmente sobre as criadas. Foucault (2001, p. 309), a partir de L. Deslandes, retoma uma recomendação: “*Desconfiem acima de tudo das criadas; (como) é aos cuidados delas que as criancinhas são confiadas, elas muitas vezes buscam nestas a compensação pelo celibato forçado que observam*”. De suas mãos, imprudentes, deve-se estabelecer vigilância. É interessante notar que o desejo do adulto pode habitar o corpo da criança e fazer nela emergir um desejo e um sujeito, a masturbação e o masturbador. O celibato, condição de estar na vida cotidiana, é ameaça iminente tendo em vista se tratar de amarra frouxa das vontades que não se deixam dominar.

A curiosidade da criança é apagada diante da ameaça do desejo do adulto, neste instante uma operação cognitiva (a curiosidade, o querer saber) cede lugar a sedução ativa do adulto. O corpo da criança e o seu psiquismo são elementos passivos diante da ação desenfreada do adulto; “as criadas” tornam-se uma ameaça que combina presença, cuidado, olhar, movimento e desejo. Todos estes elementos se dirigem para o corpo do outro atuando pela máxima obtenção da satisfação e, poderíamos dizer, pelo ensinar um comportamento reprovável.

A corrupção dos corações e mentes seriam os estados vis típicos daqueles que pensassem habitar entre os bebês o desejo de masturbação, pois: “*Só um coração muito corrompido para conceber a idéia de um excesso (a masturbação) entre os bebês, a não ser*



*pela estimulação do adulto*” (Foucault, 2001, p. 309). Não restaria lugar pior que um coração corrompido, portanto socialmente reprovável, para aquele que ousasse enxergar na criança um desejo que lhe fosse próprio. Embora sempre fosse possível reconhecer uma tensão entre a constituição e a emergência de um psiquismo e da vida mental própria, não se apresentava como lugar confortável a afirmação de ser a criança um sujeito na cena privada conhecendo, por sua própria curiosidade, o seu corpo como estrutura e sensações que se produziam nem sempre aos ventos do acaso.

### **O outro como presença diante do desejo da criança: o corpo e a casa.**

“Uma menina estava definhando com sua ama-de-leite.  
Os pais se inquietam.  
Um dia, entram no quarto em que estava a ama e  
qual não foi a cólera dos pais,  
‘quando encontram essa infeliz extenuada,  
sem movimento, com o bebê que (ainda) buscava,  
numa sucção pavorosa e inevitavelmente estéril,  
um alimento que somente os seios poderiam dar!!!”.

Foucault, 2001, p. 310.

Possibilidade de sustentar o desejo da criança de alimentar-se, a ama-de-leite, suponhamos, silenciosamente extenuada, cansada ou morta, oferece o seio que não mais alimenta no presente de uma cena em que os pais da criança horrorizados compartilham deste (des)encontro.

Em momento algum a descrição faz referência à fome ou à sustentação do outro, poderia nos lembrar Winnicott (1991), não haveria mais *holding*, só há morte, insaciedade e não-saciedade diante do seio. Desejo de comer para a criança, prazer que se findou diante do cansaço ou da morte, faltam-lhe o leite e o calor, o prazer no contato com o corpo do adulto que se extingue. Para os pais que assistem a cena, há o seio exposto e a pavorosa ligação entre o adulto e a criança. O desejo da criança encontra a morte do adulto, morte e vida são combinadas diante do olhar dos pais. A cena evoca o que não pode ser visto, os últimos momentos de uma “*sucção pavorosa*”, significante de um ato ausente, mas certamente



suposto: a sedução do adulto, a criança-objeto que retira o leite e apresenta o prazer para a ama. Amam-se os dois, não fosse o cansaço ou a morte a separar-lhes em cena, em triste e solitário desencontro.

O que teria acontecido antes, quando estavam em movimento ou vivas? Poderiam pensar os pais... Foucault (2001, p. 310) complementa: “*Afinal de contas, era só os pais estarem presentes e abrirem os olhos*”. Pensemos que não teria sido esta atitude, os olhos não estariam sempre abertos diante das amas que, a todo instante vigiadas em sua cruzada educativa pela manutenção do corpo da criança? O que a ama-morta-de-cansada nos ensina com a criança faminta? Que havia mais desejo além da primeira e mais temida vontade e medo dos adultos que margeavam a criança: havia o próprio desejo da criança de comer, de aquecer-se entre os seios, de ser tocada pelo outro, sustentada por fim... havia já um sujeito em cena.

A cena interrompida, a cena que faltava no cenário da casa, porque encerrada, concluída e dizendo respeito, apenas, ao par ama/criança, dispensava a presença dos pais como platéia. O par ama/criança estruturavam uma díade de cuidado, manutenção, sensações, satisfações e desejos que excluía os pais. Nesta outra-cena, da ordem do inconsciente, do inconsciente da criança, dispensavam-se os pais como sujeitos-autores únicos de um texto que se inscrevia já para a infância. Cena de fantasias e realidade, cena de fantasmas e mitos familiares. Estava tudo ali, cada elemento marcando presença pelos significantes corporais dispostos diante do olhar dos adultos.

Desejo de vida ou de satisfação pelo ato da masturbação, a vida doméstica sofre outras regulações para que os olhares dos pais possam atingir os corpos suspeitos e as vontades obscuras de todos que habitam a casa. Neste sentido, corpo e casa são objetos de controle pelos adultos, sempre regulados não pelas interações, mas pelo isolamento. Retomando Deslandes, Foucault (2001, p. 310) nos presenteia com mais estas recomendações: “*Se fosse possível dar como uma única companhia uma boneca, ou a um menino seus cavalos, seus soldadinhos e seus tambores, far-se-ia muito bem*”. Isolamento vigiado, diga-se com certeza, isolamento e controle dos corpos, isolamento e fixação na geografia da casa; desejo já situado no corpo da criança, corpo já fixado na casa.

Para o leitor, ao tratar da infância n’*Os anormais*, Foucault deixa antever uma ambiguidade ao apresentar o medo e a fixação pela masturbação eminente entre crianças: um desejo confuso entre o acaso que atinge os pequenos e a vontade do adulto ora imprudente ora



sapiente ao tocar o corpo da criança como alvo de manipulações, olhares e temores. Os manuais seguiam ensinando que o corpo da criança deveria ser objeto constante de olhar e vigilância, cuidado e controle por parte dos adultos. Todos sempre suspeitos, adultos e crianças tem seus comportamentos regulados pela sempre insidiosa masturbação. Mãos e partes sexuais se ameaçam numa dinâmica que supõe a interação e a obtenção de prazer.

Pelo controle dos corpos e da geografia das casas, era fundamental observar o caminhar das crianças para “*a sombra e a solidão*”; era necessário ver se a criança ficava “*muito tempo sozinha sem poder dar bons motivos para esse isolamento*” (Foucault, 2001, p. 312). Sendo observada como sujeito que vivencia experiências carregadas de significados sociais, as crianças podem caminhar para o isolamento e a sombra das casas, onde os olhares dos pais poderiam falhar na tentativa de lançar luzes para um desejo obscuro, o algo que escapava e brotava de vontades desejanças.

No flagrante delito do seu desejo, a criança deve ser abordada desde sempre por pais severos que deviam voltar-se para:

“(...) os instantes que sucedem o deitar e precedem o levantar; é principalmente então que o masturbador deve ser pego em flagrante. Nunca suas mãos estão fora da cama, e geralmente ele gosta de ficar com a cabeça debaixo do cobertor. Mal deita, parece mergulhado num sono profundo: essa circunstância, de que o homem experiente sempre desconfia, é uma das que mais contribuem para causar ou alimentar a segurança dos pais. (...) Descubram então bruscamente o rapaz, encontrem suas mãos, se ele não teve tempo de mudá-las de lugar, nos órgãos que ele abusa, ou na vizinhança destes (...)” (Foucault, 2001, p. 312).

Foucault segue, a partir de Deslandes, numa descrição minuciosa que ensina ao reconhecimento do masturbador. O ato e o autor poderiam com grande destreza serem detectados em suas singularidades. Constituem-se comportamentos e sujeitos identificáveis, aquele que se masturba e aquele que persegue o masturbador e seu ato de vontade reprovável surgem na cena doméstica como personagens que dinamizam o controle dos corpos e das mentes, promovem a pedagogia das vontades e estabelecem o rigor da boa conduta no cotidiano da família.

Uma nova família, conta-nos Foucault (2001, p. 314-315) desponta aos olhares do observador. E assim, assistimos que, o que se constitui:



“(...) é uma espécie de núcleo restrito, duro, substancial, maciço, corporal, afetivo da família: a família-célula no lugar da família relacional, a família-célula com seu espaço corporal, com seu espaço afetivo, seu espaço sexual, que é inteiramente saturados das relações diretas pais-filhos. Em outras palavras, não serei tentado a dizer que a sexualidade perseguida e proibida da criança é, de certa forma, a conseqüência da formação da família restrita, digamos conjugal ou parental do século XIX”.

Foucault (2001, p. 315) irá dizer que a paternidade surgirá definida pela tarefa de vigilância da sexualidade dos filhos dentro da casa, impulsionada também por uma campanha anti-masturbatória. A família passa a se solidificar pela constante observação, vigilância e controle dos pais em relação aos corpos das crianças. A relação entre pais e filhos se pautará pelo olhar o corpo do outro, como um corpo em si mesmo, ensimesmado, como se fosse invólucro de pulsões prontas a eclodir diante do adulto.

A presença do adulto supõe o exercício de uma tarefa que ainda não estava possível à competência dos bebês, das crianças e dos adolescentes: lidar com os significados advindos, produzidos, através da experimentação do corpo; culpa e poder se mantêm como elementos que dependem da ação dos adultos e, assim, os pais dedicam-se ao cuidado dos filhos e fortalecem a família como lugar constituído por uma “*substância físico-afetiva*” e uma “*substância físico-sexual*” (Foucault, 2001, p. 315).

Descortinando-se as estruturas que constituíam a família, afeto e sexualidade, embalam a vigília dos adultos no cuidado diários com as crianças. Numa aproximação por saber do outro, observando seu pequeno e pulsante corpo, surgem os desejos dos adultos de querer conhecer e saber dos corpos dos seus filhos e filhas. Objeto do escrutínio dos pais, o corpo da criança é conduzido à expectativa, vigilância, visadas e olhares, empreendendo, diz Foucault (2001, p. 316), um característico “*incesto epistemofílico*”.

O controle se combina a uma prevenção que ignorará os desejos dos filhos para além das possibilidades de experimentar o próprio corpo. “*Muito cuidado, vocês não sabem o que acontece no corpo de seus filhos, na cama de seus filhos*” (Foucault, 2001, p. 316). A recomendação do estudioso autorizava os pais à vigilância e à investigação, o incesto epistemofílico era colocado em andamento rumo a um desconhecido saber, uma não conhecida verdade; o corpo da criança, entenda-se enquanto corpo do filho e corpo da filha, é tornado objeto de investigação autorizado pela máxima “*vocês não sabem o que acontece no*



*corpo*”. Estava autorizada a aproximação gradativa e temerosa num encontro com uma possível revelação inaudita. O desejo revelado no corpo dos filhos.

Desejo e doença são vetores dinâmicos que levará os pais a um papel antes reservado aos médicos e agora tarefa autorizada àqueles que decidissem salvar seus filhos dos males das patologias. Foucault (2001, p. 317) nos diz:

“Logo, a relação pais-filhos, que está se solidificando assim numa espécie de unidade sexual-corporal, deve ser homogênea à relação médico doente; ela deve prolongar a relação médico-doente. É preciso que esse pai ou essa mãe tão próximos do corpo das crianças, esse pai e essa mãe que cobrem literalmente com seu corpo o corpo dos filhos, sejam ao mesmo tempo um pai e uma mãe capazes de diagnosticar, sejam um pai e uma mãe terapeutas, sejam um pai e uma mãe agentes de saúde”.

Autorizados dessa forma a caminhar rumo ao corpo da criança, há que se perguntar dos efeitos para uma subjetividade nascente num corpo em desenvolvimento. Os pais estavam autorizados a vigiar e questionar sob a égide do saber científico, enquanto correspondentes da relação médico-paciente no interior da vida doméstica. A família, assim medicalizada, faz converter o corpo da criança num objeto de estudo e reconhece nos atos dos pais a prevenção dos males da vida física, psíquica, sempre como horizonte a evitação da morte, da degenerescência e da dor que fazem padecer o corpo pela manipulação das *partes sexuais*.

Citando Samuel Auguste David Tissot, Roudinesco (2008, p. 93), faz retornar a descrição da agonia no corpo daquele que Onan embevecia:

“Eu encontrava menos um ser vivo que um cadáver jazendo na enxerga, magro, pálido, sujo, exalando um cheiro infecto... . Perdia frequentemente pelo nariz um sangue pálido e aquoso, uma baba saía continuamente de sua boca... . O fluxo do sêmen era contínuo. Seus olhos remelentos, difusos, apagados, não tinham mais a faculdade de se mover... . A desordem do espírito não era menor, sem idéias, sem memória, incapaz de ligar duas frases, sem reflexão, sem preocupação com a própria sorte... . Difícil admitir que ele já pertencera um dia à espécie humana. Morreu com edemas por todo o corpo”.



Invadindo o corpo, atinge-se uma mente em padecimento. Situada em relação ao padecimento e não a uma falha moral, a masturbação é compreendida como gênese de um processo de adoecimento que poderia levar à morte do indivíduo.

Curiosamente, para que haja terapêutica e cura é necessário reconhecer no masturbador um posicionamento ativo: ele tem que querer tratar-se, deve querer curar-se. Espera-se do doente o reconhecimento de que sofre, nas investigações de Foucault, espera-se uma confissão. Da confissão e por ela, espera-se a afirmação de um ato, a nomeação de uma vontade, a confissão que não deixará dúvidas.

Para o leitor, vê-se descortinar uma subjetividade marcada pela dependência da presença do outro e de sua ação legitimada para perseguir uma verdade silenciosamente vivida, mas passível de ser revelada. Assim, ato legitimado para a produção da verdade, estratégia metodológica que interroga o sujeito, a confissão mostra seu poder de eficácia, *“porque (...) elimina ‘toda espécie de dúvida’. Ela impede que o sujeito recuse o tratamento. Ela coloca o médico e ‘todas as pessoas que têm autoridade (...) numa posição que lhes permite ir direto ao assunto, e por conseguinte ter êxito”* (Foucault, 2001, p. 318).

Fica, então, legitimado ao adulto abordar o comportamento infantil, de antemão já sabendo de sua culpa, devendo obter a confissão como produto que confirme o já sabido. A confissão, por certo, afirmará a existência da sexualidade infantil, infelizmente, sem um caráter singular que possa ser compreendida como própria da infância. A infância dos anormais é a infância vista pelo olhar dos adultos que afirmam que a vida corporal e a vida psíquica na infância tem na vida adulta a medida e eixo de sua existência e configuração generalizante.

Na análise foucaultiana, o exercício pelos pais do saber científico embasando a educação dos filhos prepara o terreno para que cada vez mais o poder do Estado possa acionar os sujeitos no interior das famílias. Legitimando intervenções, colocando-se como interlocutora dos atos dos pais no cuidado dos filhos, a Ciência e o Estado surgem no texto d’Os Anormais como elementos que irão conduzir as crianças de uma educação doméstica a uma pedagogia dos corpos a serviço de instituições além dos muros da casa.



### Sobre corpos, sexualidades e subjetividades: presença de um desejo singular.

“É preciso vigiar as crianças desde o berço”.

Bourge  
*Mémento du père de famille*, 1860.

Foucault, 2001, p. 308.

Esvaziada de uma motivação que lhe fosse própria, o corpo da criança foi a afirmação de uma verdade que provocou os adultos e os seus comportamentos, suas pulsões epistemofílicas, seus saberes em processo. A todo instante, o que se via era a realidade de um ato, a satisfação pela masturbação, o interesse sempre presente em ser expectador, em ser autor de um flagrante delito que poderia afirmar haver uma subjetividade onde só deveriam existir acasos, ardências.

Nas Confissões, Roudinesco (2008, p. 94-95), nos lembra de Rousseau ao fazer falar um narrador em suas reflexões sobre a masturbação como um “*perigoso suplemento*”:

“Eu sentira o progresso dos anos; meu temperamento inquieto finalmente se declarara, e sua primeira erupção, bastante involuntária, fizera soar em mim, acerca da minha saúde, alarmes que descreviam melhor que qualquer outra coisa a inocência em que eu vivera até então. Logo resserenado, aprendi esse perigoso suplemento que engana a natureza e alivia os jovens de temperamento igual ao meu de muitos distúrbios à custa de sua saúde, de seu vigore, às vezes, de sua vida”.

Na narrativa anterior observamos que um autor demonstrando uma análise que diz de uma vida psíquica interior e singular própria de que se masturba e racionaliza o ato como um suplemento perigoso que conduz à morte. Denunciando uma subjetividade, o narrador diz para seu leitor que ele vivenciara algo da ordem da experiência auto-erótica, que suplantara a presença física de um outro e que fazia derivar dela us a própria realidade e fundamento. O narrador nos fala de ato, satisfação, desejo e realização.

Mesmo tomando como referências as descrições de sua época sobre a vida sexual dos homens, a *psycopathia sexualis* de seu tempo não dava conta das inúmeras possibilidades de ler o comportamento dos sujeitos não sendo mais passíveis de compreensão como



identidades estanques no conjunto de uma homogênea condição humana. Vista como desvio à norma da ciência médica que normalizava comportamento e sujeitos, a masturbação como outras mazelas da sexualidade humana, provocava a inteligência e convocava cada homem a situar-se num universo povoado por imagens lancinantes, sôfregas, sedentas, satisfeitas pelo gozo vivido.

A ordem do desejo na vida da infância faz ecoar no comportamento dos adultos a imperiosa determinação pelo reconhecimento da sexualidade na vida das crianças burguesas. Vigiar desde o berço, os adultos observaram que havia mais do que acaso. Ao demonstrar a impossibilidade de reduzir o universo das psicopatias sexuais dos humanos em tratados e mesmo catálogos que compilhassem e estabelecessem a multiplicidade de vontades rumo à satisfação, Freud apresentou-se uma teoria do desejo.

Podemos prosseguir em nossas reflexões afirmando que o lugar do corpo era menos a concretude da biologia e muito mais a materialidade de um universo simbólico que se descortinava. A criança masturbadora escapava ao corpo, falava mais de um sujeito que se tornava objeto de análise do que propriamente de um objeto passivo e vazio de intencionalidades.

Parecia que, fragilmente, tentava-se equilibrar uma condição de objeto a uma possibilidade de ser sujeito. Enquanto objeto, passível de análise, na qualidade de sujeito, masturbadora e condenada a morte. Ariés (2006, p. 87) falando de uma concepção moral da infância, nos diz:

“Formou-se assim essa concepção moral da infância que insistia em sua fraqueza mãos do que naquilo que M. de Grenaille chamava de sua ‘natureza ilustre’, que associava sua fraqueza a sua inocência, verdadeiro reflexo da pureza divina, e que colocava a educação na primeira fileira das obrigações humanas. (...) Deus dá o exemplo ordenando aos Anjos que acompanhem as crianças em todos os seus passos, sem jamais abandoná-las”.

Na companhia dos Anjos, mais uma vez ambigüidade de uma infância ora sacralizada ora repleta de riscos ante a ameaça de uma doença que a findasse. Sempre carregada dos bons termos e das boas medidas, do bom senso enfim, as recomendações para o cuidado com a infância tinham a ambigüidade como companheira.



Jacqueline Pascal afirmava no “Regulamento para as crianças de Port-Royal”, em excerto recuperado por Ariès (2006, p. 82):

“É preciso vigiar as crianças com cuidado, e jamais deixá-las sozinhas em nenhum lugar, estejam elas sãs ou doentes’. Mas ‘é preciso que essa vigilância contínua seja feita com doçura e uma certa confiança, que faça a criança pensar que é amada, e que os adultos só estão a seu lado pelo prazer de sua companhia. Isso faz com que elas amem essa vigilância, em lugar de temê-las’”.

Tempos de grandes recomendações, o que pensariam as crianças ao ouvirem as palavras proferidas por São Francisco de Sales, com o recato das intenções, dedicado orientador em ensinamento proferido: “*Os pais e as mães devem ensinar seus filhos a esconder o próprio corpo ao se deitar*”, (Ariès: 2006, p. 89). A leveza das palavras comporta a força do ato que determina o uso do corpo e a obrigação de prestar contas de seu comportamento diurno e noturno.

Esconder o corpo era o mesmo que esconder o sujeito. Identificado aos humores, as ardências, aos comichões, o corpo-sujeito era ameaça prestes a explodir diante dos olhares sedentos de adultos sempre prontos ao horror e ao desejo de conhecer da infância seus pecados, ou melhor dizendo, suas doenças, sofrimentos, dores e um temido destino fatal no fim de suas sensações corpóreas.

Se o “perverso polimorfo” de Freud provocou os olhares desaprovadores de sua época, a criança masturbadora de Foucault n’*Os Anormais* nos provoca o pensamento ao confrontar adultos e crianças num continuum que vai do extremo silenciamento à crua vigilância e persistente interrogatório.

Interrogada sobre o que fez sua mão ou o que realizava nas sombras da casa, a infância d’*Os Anormais* foi objeto de clara e violenta intervenção com o objetivo de satisfazer uma pulsão epitemofílica. Mas pensemos também, havia em cena um desejo de conhecer e subjugar o outro-pequeno, desejo perverso de fazer da criança objeto de uma satisfação, de querer saber, de querer poder, de uma vontade que se deslocava do corpo e do psiquismo do adulto para habitar, incestuosamente, o corpo da criança.



## IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philip. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2008.

WINNICOTT, D. W.  *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.